

REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DO CORPO FEMININO NO FORRÓ CONTEMPORÂNEO

Fábio Soares da Costa

Educador Físico. Mestrando em Comunicação - UFPI

Francisca Islândia Cardoso da Silva

Educadora Física. Mestranda em Comunicação - UFPI

Janete de Páscoa Rodrigues

Doutora em Ciências da Comunicação pela UNI-SINOS. Professora do Mestrado em Comunicação - UFPI.

Resumo

O forró eletrônico midiaticado é uma representação híbrida da cultura nordestina que traz elementos musicais e de dança que produzem sentidos relacionados ao corpo feminino. Assim, este estudo considerou a seguinte inquietação: que imagem do corpo feminino é pretendida na produção midiática do forró eletrônico como elemento de consumo cultural? As análises revelaram que as músicas ofertam sentidos românticos, eróticos e sensuais, além de uma ressignificação da histórica imagem da mulher como objeto de desejo sexual definida para e pelo homem.

Palavras-chave: Mídia; Cultura; Forró eletrônico; Corpo feminino.

Resumen

El forró electrónico mediatizado es una representación híbrida de la cultura del noreste que trae elementos de la música y de la danza que producen significados relacionados con el cuerpo femenino. Así, este estudio ha considerado las siguientes inquietudes: ¿Qué imagen del cuerpo femenino se requiere en la producción mediática del forró electrónico como un elemento de consumo cultural? El análisis revelaron que las canciones ofrecen direcciones románticos, eróticas y sensuales, y una redefinición de la imagen histórica de la mujer como objeto de deseo sexual y definido al y por el hombre.

Palabras clave: Media; Cultura; Forró electrónico; Cuerpo femenino

Abstract

The mediatized electronic “forró” is a hybrid representation of northeastern culture that brings music and dance elements that produce meanings related to the female body. Thus, this study considered the following concerns: What image of the female body is desired in the media production of forró electronic media as an element of cultural consumption? The analyzes revealed that the songs provide romantic, erotic and sensual senses, besides a resignification of the historical image of woman as an object of sexual desire for and by man.

Keywords: Media; Culture; Eletronic forró; Female body

1. Introdução

A música sempre se apresentou como um importante espaço aglutinador de hábitos, desejos, saberes, sonhos, costumes e valores que permanentemente circulam e entram em conflito no terreno da cultura e da vida social, ou seja, músicas não apenas fazem cantar, dançar e divertir, elas “carregam teias de significados, valores e sentimentos que interagem com a vida cotidiana das pessoas e dos grupos sociais” (TROTТА, 2009, p.22).

No processo das representações simbólicas do forró eletrônico contemporâneo no contexto sociocultural, diversos elementos são acionados e utilizados na construção de sentidos acerca dessa expressão de identidade cultural nordestina com objetivo de torná-lo produto de consumo midiático cada vez mais popular e rentável dentro das lógicas do mercado atual. Neste conjunto de estratégias mercadológicas, são ofertadas produções imagéticas acerca do ser feminino por meio das letras musicais, da corporeidade das mulheres que compõem os *shows*, das danças apresentadas, de suas vestimentas, entre outros que revelam novas significações na relação mulher-forró-mídia no contexto atual.

Frente ao exposto, esta investigação, de natureza qualitativa, busca analisar os sentidos enunciados no processo de visibilidade midiática do corpo feminino a partir dos shows gravados e lançados no mercado fonográfico pelas Bandas “Calcinha Preta” e “Aviões do Forró”, nos anos de 2011 e 2012, as quais foram formadas no Nordeste do Brasil. Essas fazem parte de um grupo de bandas regionais que ganharam repercussão no cenário midiático nacional em razão de algumas de suas músicas comporem trilhas sonoras de algumas telenovelas da Rede Globo, maior emissora de televisão do País. Suas músicas são tocadas nas grandes rádios populares do Brasil constituem uma importante parcela da paleta de consumo cultural da população brasileira.

Com foco na apreensão das representações simbólicas sobre o corpo feminino proposto nas produções midiáticas (DVDs lançados em 2011 e 2012), consideramos nas nossas análises os perfis corporais das dançarinas das bandas, os gestos/movimentos dançantes empregados pelas mesmas, os figurinos usados pelas dançarinas e vocalistas e os discursos enunciados nas letras das músicas.

2. Estudos culturais: o forró no popular

Os estudos culturais valorizam a produção de sentidos e considera a relevância da cultura popular como discurso social. Essa vertente defende que a produção de sentidos pelos meios de comunicação é estruturada a partir de relevâncias para a audiência relacionada às suas práticas socioculturais. Com isso, interessa em nossas análises os usos das mensagens por parte da audiência, além de atentarmos para o lugar social ocupado pelos receptores em questão. Para os estudos culturais, uma pesquisa adquire relevância e potência de produção do conhecimento, quando seu objeto tem suas raízes nas classes populares. Requisito plenamente satisfeito nas manifestações culturais relativas ao forró eletrônico brasileiro, cenário cultural deste estudo.

O estudo de uma manifestação da cultura popular a partir do reconhecimento de que contingentes significativos de indivíduos socialmente postos vivenciam cotidianamente experiências com o forró eletrônico por meio do rádio, da TV, da internet entre outros, ganha um importante significado no contexto das pesquisas sociais pelas interações que promovem entre os sujeitos. Os estudos sobre consumo cultural possibilitam o reconhecimento de que a mensagem dos meios está aberta a diferentes decodificações e subjetividades. A audiência é ativa, produtora e/ou co-produtora de sentidos.

Martín-Barbero (2002, p. 13) assegura que “os estudos culturais legitimam o deslocamento que possibilita que a pesquisa caminhe dos meios para os atores sociais integrados em práticas sociais e culturais que os extrapolam.” Assim, o forró eletrônico midiaticizado encontra suporte nesta perspectiva teórica pela sua potencialidade de construção no imaginário simbólico sobre o Nordeste do Brasil e de criação de sistemas de códigos culturais, éticos, morais e sociais que identificam e representam a cultura popular nordestina. Estudar o forró, cultura

popular, é desvendar certas representações sociais considerando sua formação polifônica.

3. O forró na cultura popular

A música popular urbana reuniu uma série de elementos musicais, poéticos e performáticos da música erudita (*o lied, a chanson, árias de ópera, bel canto, corais* etc.), da música folclórica (danças dramáticas camponesas, narrativas orais, cantos de trabalho, jogos de linguagem e quadrinhas cognitivas e morais) e do cancionário do século XVIII e XIX (músicas religiosas ou revolucionárias, por exemplo). Sua gênese, no final do século XIX e início do século XX encontra-se intimamente ligada à urbanização e ao surgimento das classes populares e médias urbanas (NAPOLITANO, 2002, p. 8).

Ao pensarmos em forró não podemos desprezar uma atribuição social básica que a música sempre desempenhou: a dança. Elemento catalisador de reuniões coletivas, voltadas para a dança, desde os empertigados salões vienenses ao mais popularesco arrasta-pé, passando pelos saraus familiares e pelos não tão familiares bordéis de cais-de-porto de todas as localidades do mundo. Assim, o forró contemporâneo traz a mulher em versão re-significada sobre uma nordestina, uma brasileira enunciada a partir de seu corpo, de sua conduta, ofertando novos modelos de existência feminina. Representações que podem ou não ser aceitas e utilizadas pelos receptores dessas mensagens.

Os espetáculos midiáticos das bandas de forró eletrônico oferecem sentidos de identidades a serem consumidos por mulheres e homens que assistem a esses *shows* midiáticos. Esses receptores podem se adequar e se identificar com os modelos e representações ofertadas via letras, vestimentas e danças que seduzem o público por meio de gestos sensuais. As mensagens são processadas de forma subjetiva por cada pessoa a quem se dirige, contudo, Laurentis (1994, p.212) reitera que gênero é uma representação complexa, pois contempla elementos vez que “o sistema sexo-gênero é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado a indivíduos dentro da sociedade.”

Bourdieu (2003) refere-se à *dominação masculina sobre o ser feminino* como algo que deve ser analisado, principalmente, a partir de uma perspectiva simbólica. A dominação masculina é uma forma particular de *violência simbólica*. O poder que impõe significações defendendo-as como legítimas, dissimulam as relações de força que sustentam a própria força. Além disso, o autor lembra que tais concepções “invisíveis” chegam até nós produzindo *esquemas de pensamentos impensados*. Isso acontece quando os indivíduos se supõem livres para pensar sobre qualquer objeto, sem considerar que esse suposto pensamento livre encontra-se marcado por interesses, preconceitos e opiniões de outros. Para Bourdieu (2003), *uma relação desigual de poder comporta uma aceitação dos grupos dominados, não sendo necessariamente uma aceitação consciente e deliberada, mas principalmente de submissão pré-reflexiva*.

4. Representações do corpo feminino no forró eletrônico

Da Antiguidade ao século XVII, a imperfeição por natureza era o sinônimo da mulher, oposto ao modelo do sexo único, o do homem, descrito minuciosamente por Thomas Laqueur (1990) e dominante até a Revolução Francesa. A caracterização da mulher neste período histórico voltava-se para a imagem da mulher como um ser hierarquicamente e socialmente inferior ao homem. Ela era vista como imperfeita por ser considerada um homem invertido e de ontologia invisível.

Historicamente, o que sempre se pretendeu, inclusive politicamente, foi legitimar o domínio do homem sobre a mulher utilizando uma argumentação natural, e até mesmo nas lutas por uma cidadania moderna, não se lançou mão de outra relação conservadora que não fosse essa. Pode-se observar essa perspectiva quando da construção do indivíduo racional pela teoria liberal, que pretendeu excluir a mulher da sociedade civil em formação, enfatizando a dicotomia entre os sexos e a separação entre as esferas pública e privada.

Todavia, na contraposição destas pretensões surge o discurso feminista da diferença, inaugurando uma história de resistências repleta de ambivalências, tensões e desdobramentos.

Definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação, que é uma relação histórica, cultural e linguisticamente construída, é sempre afirmada como uma diferença de natureza, radical, irreduzível, universal. (CHARTIER, 1995, p. 42)

Mas foi no século XVI, exatamente na França e por inauguração do médico Ambroise Paré, que se instaurou o marco da história da imagem corporal. Naquele período, o médico percebeu a existência de um membro fantasma de um determinado paciente, o que posteriormente foi caracterizado como uma alucinação. (GORMAN, 1965). Após três séculos, o norte americano Weir Mitchel demonstrou que aquela imagem corporal poderia ser mudada, sob condições especiais ou por tratamento específico.

A partir destes pressupostos, podemos entender como se dá a percepção da imagem corporal feminina representada em produtos midiáticos da cultura popular ou de massa nas manifestações culturais relativas aos diversos estilos musicais e dançantes no contexto atual, inclusive o forró. Para Schilder (1999, p. 125), a imagem corporal é uma unidade não rígida passível de transformações. Com isso podemos perceber que a unidade referida é imersa em todas as possibilidades de unir as diversas relações e experiências que desenvolvemos ao longo de nossas vidas (inclusive na produção e consumo do forró eletrônico), buscando sentido através de uma totalidade corporal e imagética de nós mesmos em constante transformação.

Para Lopes Júnior (1997), é possível perceber no forró eletrônico, que o seu consumo visual viabiliza a comercialização direta do corpo feminino. Esse estilo de forró é adornado por dançarinas de corpos exuberantes e sensuais que contribui consideravelmente na consolidação de uma cultura cujo consumo está ancorado nos prazeres corporais. Tal desejo de consumo encontra-se intimamente relacionado à imagem de uma mulher jovem, sensual, disposta ao sexo, ao prazer e à comercialização do seu corpo.

No tocante às letras das canções, é fundamental destacar os sentidos que podem ser produzidos a partir da problemática enunciada por Feitosa *et. al.* (2010, p. 3):

A tônica do forró estilizado, na atualidade, é banalizar as variadas formas de discriminações, preconceitos e violência contra as mulheres tão presente em nossa sociedade. Nele as mulheres são tratadas como objeto de prazer ou de violação. Por meio da linguagem são utilizados com frequência termos como vagabunda, pistoleira, fuleira, safada e puta. A exemplo do refrão da música Mulher Fuleira.¹

Na música “Hoje eu tô solteiro”² da “Banda Calcinha Preta”, a letra sugere claramente a busca da mulher por um parceiro na noite. Na música são reforçados alguns aspectos e sentidos oriundos de sistemas patriarcais e de submissão feminina em relação ao homem.

Atenção, macharada que tá desacompanhada
Pode vir pra cá, pode se chegar
Hoje tô daquele jeito, tô na *night*
De bobeira e vim paquerar
Botar pra abalar o mulherão
Daquele jeito! Eu sou!
Não duvide não, não duvide não
Que eu tô que tô..
Refrão
Hoje eu tô solteira, tô, tô sim, tô sim
Quem quer beijar na boca é só chegar em mim
Hoje eu tô solteira, tô, tô sim, tô sim

Quem quer beijar na boca é só chegar em mim

O imaginário coletivo machista é algo que assenta as raízes do patriarcalismo e dá lucros financeiros gigantescos à indústria fonográfica, que por conseguinte alimenta conceitos e estereótipos que fazem valer a pena perenizá-los.

Alicerçar uma aparência que visualiza o corpo feminino como um mero objeto descartável e de consumo erotizado é essencial nessa atmosfera cultural. O corpo da mulher consome coisas e é consumido por indivíduos, de modo que o *status quo* e a hegemonia da classe dominante procura perpetuar-se alicerçada por tais padrões de consumo e de comportamentos.

Todavia, o que se observa é que as reconfigurações de sentidos culturais pelas quais passou o forró desde os séculos passados até este início da segunda década do século XXI, trouxeram novas formas de pensar e vivenciar o forró que hoje se alimenta e se enuncia por meio da mídia. Agora o forró é híbrido e traduzido, conforme acepção de Canclini (2001), pois ao mostrar, de forma fundida, o passado e o presente, não distinguimos o que pertence ao tradicional, ao moderno ou ao pós-moderno dentro deste estilo musical e dançante, tão carregado de simbologias em suas representações de mulher, de homem, de poder, de consumo.

5. Considerações finais

A análise do *corpus* envolveu o conteúdo semântico das letras, bem como a observação do perfil corporal das dançarinas das bandas investigadas. Portanto, foi possível concluir que o perfil corporal adotado para compor o grupo de dançarinas das duas bandas segue os padrões estipulados pela mídia atual, tais como glúteos arredondados e volumosos, pernas grossas e torneadas, cinturas bem marcadas. Não obstante, esses traços de corporeidade são visualizados de forma associada com alguns aspectos de corporeidade atribuídos a padrões estéticos europeus e norte-americanos, tais como: cabelos lisos, loiros, longos e pele clara.

A noção de corpo é uma construção social e cultural, cuja representação circula no grupo, investida numa multiplicidade de sentidos. Esses sentidos, por vezes, reafirmam-se, ampliam-se ou remodelam-se, e, por outras vezes, desaparecem. Mas, de qualquer forma, as representações se formam de acordo com o desenvolvimento humano num dado contexto social e histórico. (PERUZZOLO, 1998, p. 86)

Conclui-se que a representação da mulher como objeto sexual de consumo pode ser entendida como um invólucro cultural convencionado. Portanto, visto como algo normal, reforçado pelas imagens da mulher apresentadas no forró eletrônico midiático. Dessa forma, o corpo feminino é considerado como um objeto que evoca inquietudes e a saciedade, simbolizando que as mulheres mudam ao longo do tempo, mas que os olhares sobre a mulher, embora de forma resignificada e traduzida, ainda hoje mantêm concepções e sentidos pautados nas relações entre os gêneros sexuais construídas nos séculos iniciais de nossa história. Nessas relações, o homem, por ser considerado “cidadão de primeira linha”, e a mulher, um ser a serviço dos protagonistas do sistema patriarcal, de tal modo que a última deveria servir o primeiro em todas as suas necessidades e desejos de amor, sexo, sensualidade, lazer e alimentação.

Tais elementos constituidores de identidade masculina do Brasil colonial e pós-colonial, proporcionados por indivíduos sociais como as mulheres, os escravos e as crianças, assemelhados em valores aos objetos de desejo e de consumo dos produtores hegemônicos, ainda podem ser observados em produtos culturais a exemplo do forró eletrônico.

A malha de sentidos instáveis e cambiantes observada na pesquisa parece ser a assertiva de que o gênero narrativo das letras do forró eletrônico é um mediador incontestado entre a produção e consumo, via seu texto, potencializando significados / representações da imagem feminina em direção ao seu público-alvo, que consome esses produtos no seu dia a dia, moldando seus estilos de vida e se auto-representando.

Os sentidos de sensualidade e erotismo relacionados ao corpo feminino destacam-se nesse estudo, pois esses são apresentados nas letras como forma de representação da mulher em

situações emolduradas na importância do corpo perfeito, no destaque ao consumo do objeto mulher, do beijo, do sexo gostoso e maravilhoso, das festas que exalam a libido masculina e que apresentam o corpo feminino como sensual, sexual, erotizado, produto de consumo para homens e representação de modelo corporal para as demais mulheres.



Referências

- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CANCLINI, N. G. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.
- CHARTIER, R. *A diferença entre os sexos*. Cadernos Pagu, n. 4. 1995. p. 37-47.
- FEITOSA, S. de M.; LIMA, M. G. de; MEDEIROS, M. G. de. *Patriarcado e forró: uma análise de gênero*. 2010. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=fuleira&btnG=&lr=> Acesso em: 22 ago. 2012.
- GORMAN, W. *Body image and the image of the brain*. St. Louis (USA): Warren H. Green, 1965.
- LAQUEUR, T. *Fazendo sexo: corpo e gênero dos gregos para Freud*. Harvard University Press, 1990.
- LAURENTIS, T. de. A tecnologia do gênero. In: LAURENTIS, T. de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- LE BOULCH, J. *O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos seis anos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- LOPES JÚNIOR, E. Urbanização turística, cultura e meio ambiente no Nordeste brasileiro. In: SERRANO, C. M. de T.; BRUHNS, H. T. (orgs.). *Viagens à natureza*. Campinas-SP: Papirus, 1997. p. 43-58.
- MARTIN-BARBERO, J. "Prefácio". In: LOPES, M. I. V. de; BORELLI, S. H. S. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus, 2002. p. 11-18.
- NAPOLITANO, M. *História e música: história cultural da música popular*. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2002.
- PERUZZOLO, A. C. *A circulação do corpo na mídia*. Santa Maria-RS: Imprensa Universitária, 1998.
- SCHILDER, P. *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- TROTTA, F. "Música popular, moral e sexualidade: reflexões sobre forró contemporâneo". In: *Encontro da Compôs*, Belo Horizonte: UFMG, 2009. p. 132-146.

Notas

¹ AVIÕES DO FORRÓ. *Ao vivo em Salvador*. Rio de Janeiro: Som Livre, 2012. 1 DVD. 103 min.

² CALCINHA PRETA. *Calcinha preta 360º*. 15 anos – ao vivo em Maceió. Jurubatuba-SP: Coopdisc. 2011.